

Medéia: uma discussão sobre a mulher em Eurípides

Profa. Dra. Maria Amália Longo Tsuruda
(Dra. em História e Historiografia da Educação FEUSP)
maltsuruda@uol.com.br

RESUMO: O artigo examina aspectos da condição feminina na Grécia antiga, tal como foram expostos na tragédia **Medéia** de Eurípides e destaca a importância dos valores heróicos, honra e fama, no desfecho da peça.

PALAVRAS-CHAVE: Grécia Antiga - condição feminina – século V a.C. - tragédia – **Medéia** – Eurípides.

ABSTRACT: This article discusses aspects of the female condition in the ancient Greece, as they appear in the Euripides' **Medeia**, and emphasizes the importance of the heroic values, honour and fame, in the denouement of the play.

KEYWORDS: Ancient Greece – female condition – Vth century b.C. - tragedy – **Medeia** – Euripides.

Introdução

O tema deste estudo nasceu da leitura de uma notícia nas páginas policiais de um jornal: uma mãe matou os seus filhos.

O assunto, trágico em si mesmo, trouxe à lembrança as aulas ministradas nessa casa pela saudosa Profa. Dra. Gilda Maria Reale Starzyski, em curso que versava sobre a tragédia de Eurípides. A relação é óbvia: a mulher mata os seus filhos para se vingar do marido é Medéia.

O fato trágico também pode ser considerado banal, posto se repetir com lamentável frequência: não precisamos lançar mão de mães americanas que afogam seus filhos; basta lembrar da “Fera da Penha” (RJ) que matou a filha de sete anos do amante “porque era a preferida do pai”. Mais chocante, mulheres matam seus próprios filhos para se vingar de abandono ou de traição por parte do pai da criança¹.

Loucura? Paixão? Ódio? Quais seriam os motivos que poderiam levar qualquer mulher a um ato extremado dessa natureza? A tarefa de elucidar esse comportamento certamente cabe aos psicólogos e psiquiatras. Mas aqui, uma análise da peça de Eurípides poderá lançar uma luz sobre os motivos de Medéia e, veremos, eles ultrapassam a traição e o abandono do leito conjugal. Jáson, o marido de Medéia, deve pagar por muito mais do que a sua infidelidade.

O mito de Medéia

O mito de Medéia aparece entrelaçado com vários outros. Ela é sobrinha de Circe, o que a liga com as aventuras de Ulisses, narradas na **Odisséia**. Por outro lado, a sua história começa com a saga dos Argonautas e termina com o mito de Teseu.

A história começa com Jáson tentando reaver o trono de Iolcos, que era de seu pai e que estava ocupado por seu tio Pélias. Pélias exige que Jáson consiga para ele o velo de ouro. Para conseguir tal, Jáson reúne um grupo de heróis e parte para a Cólquida (provavelmente atual Armênia), utilizando um navio chamado Argó. O

primeiro ponto tocado pela nau é a ilha de Lemnos, onde os heróis se unem às mulheres do local, com o objetivo de repovoar a região. A seguir, eles aportam na ilha de Samotrácia onde, por inspiração de Orfeu, todos os argonautas se iniciam nos Mistérios dos Cabiros. Após uma batalha em Cízico, aportam na Bitúnia, onde Pólux aceita uma competição de pugilato com o rei Âmico, considerado o inventor dessa modalidade esportiva. Na entrada do Bósforo os heróis têm uma batalha com as Harpiasⁱⁱ e, após ultrapassar os rochedos móveis conhecidos como Simplégades, Sindrômades ou Rochedos Azuis, chegam ao Mar Negro e se dirigem para a Cólquida.

Na Cólquida Jáson relata a sua missão ao rei Eetes. Este propõe ao herói várias tarefas consideradas impossíveis: colocar sob jugo dois touros selvagens, de pés e chifres de bronze e que soltam fogo pelas narinas, e com eles arar um campo; semear o campo com os dentes do dragão morto por Cadmo e vencer os guerreiros de bronze nascidos dos dentes do dragão; por último, eliminar um dragão que guarda o velo de ouro no bosque do deus Ares.

Jáson consegue realizar as provas e se apossar do velo de ouro graças às mágicas de Medéia, filha de Eetes, que por ele se apaixonara. Jáson e Medéia fogem levando o velo de ouro e o irmão de Medéia, Apsirto. Como são perseguidos, Medéia mata e esquarteja o menino, espalhando os seus pedaços e conseguindo, com isso, atrasar os seus perseguidores, que se detém para recolher as partes do cadáver. Apsirto é enterrado na foz do rio Íster (possivelmente o Danúbio).

O Argó sobe o rio Íster e chega ao Mar Adriático. Daí entra no rio Pó, passa para o Rio Ródano e chega ao Mar Mediterrâneo. Contornando a ilha da Sardenha, chega à mansão de Circe, que purifica os argonautas. Seguindo a viagem, o Argó passa pelo mar das Sereias, atravessa o estreito de Cila e Caribdes (comumente identificado com o Estreito de Messina) e chega à ilha dos feáces, que muitos estudiosos associam a Corfu. Aí o casamento de Jáson e Medéia é consumado.

Ao partir do país dos feáces o navio é acometido por uma violenta tempestade, que o joga no norte da África. Dali os heróis partem para Creta, onde vencem o gigante Talos, sempre graças às feitiçarias de Medéia. O navio torna a partir, fazendo uma escala em Egina. Depois, contornando a ilha de Eubéia, retorna a Iolcos.

Em Iolcos, Pélias aceita o velo de ouro, mas se nega a devolver o trono. Medéia então engana as filhas do rei Pélias e faz com que as moças tentem um encantamento para rejuvenes-cer o pai. Como resultado o velho rei morre nas mãos das filhas, mas o povo de Iolcos expulsa Jáson e Medéia que vão se refugiar em Corinto, onde se passa a ação da tragédia de Eurípidés.

Resumo da peça

A peça **Medéia** foi apresentada pela primeira vez no concurso dramático de 431 a.C., conseguindo apenas o terceiro lugar.

A ação se passa na cidade de Corinto, onde Jáson e Medéia vivem exilados com seus filhos e dura apenas um dia.

Posta diante de um fato consumado, isto é, que foi abandonada por Jáson, que vai se casar com a filha do rei Creonte, Glauce (ou Creúsa, conforme a versão do mito – na peça seu nome não é mencionado) e ameaçada de expulsão da cidade, Medéia resolve se vingar matando a noiva, se houver possibilidade o rei e, por último, seus próprios filhos. O único obstáculo para a realização do plano é a ausência de um lugar para se exilar após os crimes.

Essa dificuldade é ultrapassada pela chegada do rei de Atenas, Egeu, que vem solicitar uma ajuda da feiticeira. Numa troca de favores, ela consegue arrancar de Egeu a promessa de abrigo e então põe em prática o seu plano.

Consegue de Jáson a permissão para que os filhos levem presentes para a princesa, sob o pretexto de conseguir as boas graças da noiva para as crianças, que

assim poderiam ficar com o pai. São dois presentes envenenados: um diadema e um véu que, imediatamente após serem vestidos, pegam fogo. A jovem morre nos piores tormentos. O rei, vendo a filha agonizar, tenta socorrê-la e também morre. Jáson corre para casa, com o objetivo de castigar Medéia e lá encontra os filhos mortos e a esposa fugindo pelos ares, no carro do deus Sol, que era o seu avô.

As razões de Medéia

Medéia possui muitos motivos para querer se vingar de Jáson. A fala da Ama, já no prólogo (início) da peça, diz respeito ao arrependimento por ter trocado a sua terra natal e a sua família pelo amor de Jáson:

“(…) Faz dos deuses testemunhas
da recompensa que recebe do marido
e jaz sem alimento, abandonando o corpo
ao sofrimento, consumindo, só, em pranto,
seus dias todos desde que sofreu a injúria
do esposo; nem levanta os olhos pois a face
vive pendida para o chão; como um rochedo,
ou como as ondas do oceano, ela está surda
à voz dos amigos, portadora de consolo.
Às vezes, todavia, a desditosa volve
o colo de maravilhosa alvura e chora
consigo mesma o pai querido, sua terra,
a casa que traiu para seguir o homem
que hoje a despreza. Frente aos golpes do infortúnio,
sente a coitada quão melhor teria sido
se não abandonasse a pátria de seus pais. (…)” versos 29-44

O caráter de Jáson é determinante na peça. De fato, para que seu castigo seja compreensível e aceitável, é necessário que ele possua culpaⁱⁱⁱ. Quem é esse homem por quem Medéia traiu a sua família e se tornou uma assassina? Pelas palavras dirigidas a Medéia pelo próprio Jáson podemos aquilatar o grau de seu cinismo:

Jáson: “(…) Por minha salvação, porém, já recebeste
como compensação mais do que deste. Explico-me:
primeiro, a terra grega em vez de um país bárbaro
passou a ser tua morada. Conheceste
as leis e podes viver segundo a justiça,
liberta do jugo da força. Os gregos todos
respeitam a tua ciência (hoje és famosa,
mas se ainda morasses nos confins da terra
quem falaria de teu nome?) (…)” versos 612-620

Quanto ao meu casamento com a filha do rei,
de que falas tão acremente, provarei
que agindo como agi, primeiro fui sensato,
e depois hábil e, afinal, fui bom amigo
em relação a ti e a meus primeiros filhos.
Tem calma! Quando vim de Iolco para cá
envolto em tantas, inelutáveis desgraças,
podia acontecer-me algo mais feliz
que me casar com a filha do rei,
eu, um banido? Não pelos motivos torpes

que te amarguram, não por odiar teu leito
ou por simples desejo de uma nova esposa;
tampouco por ambicionar uma progênie
mais numerosa (já tenho filhos bastantes
não vou queixar-me). Desejava – isso é importante –
assegurar-nos uma vida boa e próspera,
isenta de dificuldades, pois os pobres
vêm fugir para bem longe seus amigos.
Ainda mais: criar condignamente os filhos,
dar aos gerados em teu ventre mais irmãos,
pô-los todos num mesmo nível de igualdade
e ser feliz vendo a união de minha raça.
Tu, que necessidade tens de novos filhos?
É de meu interesse, todavia, tê-los,
a fim de assegurar aos filhos atuais
o apoio dos futuros. Crês que estou errado?
Se não te devorasse este ciúme enorme,
nem tu censurarias a minha conduta. (...)” versos 526-653

O tema dessa escolha infeliz de Medéia reaparece diversas vezes:

Medéia (dirigindo-se ao coro): “(...) Mas uma só linguagem não é adequada
a vós e a mim. Aqui tendes cidadania,
o lar paterno e mais doçuras desta vida,
e a convivência com os amigos. Estou só,
proscrita, vítima de ultrajes de um marido
que, como presa, me arrastou a terra estranha,
sem mãe e sem irmãos, sem um parente só
que recebesse a âncora por mim lançada
na ânsia de me proteger da tempestade.(...) versos 284-292

A conseqüência do abandono do lar paterno e das circunstâncias que cercaram
essa fuga aparecem nos versos 315-318, quando o rei Creonte vem anunciar a
expulsão da heroína e de seus filhos:

Medéia: “Pobre de mim! Consuma-se a minha desgraça!
Meus inimigos soltam suas velas todas
e não diviso um porto em que possa abrigar-me
para escapar à ruína! (...)”

A segunda razão de Medéia reside na traição de Jáson aos juramentos
anteriormente proferidos:

Medéia: “Zeus poderoso e venerável Têmis,
Vedes o sofrimento meu após
Os santos juramentos que me haviam
Ligado a esse esposo desprezível?” versos 174-177

Neste trecho Medéia chama como testemunha de seu sofrimento Zeus
Horkios, ou Zeus dos Juramentos e Têmis, a deusa da Justiça.

O desrespeito aos juramentos dá origem ao canto do coro no primeiro estásimo da
peça:

“Voltam os sacros rios para as fontes
e com justiça marcham para trás

todas as coisas. Os homens meditam
ardis e a fé jurada pelos deuses vacila. (...) versos 468-472

Esses versos mostram que a violação dos juramentos é algo tão absurdo que subverte a ordem até mesmo da natureza. Ora, poucos versos antes Medéia fora caracterizada como sacerdotisa da deusa Hécate:

Medéia: “(...) Hécate, que entronhei no altar
de minha gente (...) versos 450-451

E, segundo a tradição da mitologia, Jáson tomara essa deusa como testemunha de seu juramento. Hécate era descendente dos Titãs e, portanto, independente dos deuses olímpicos. Era uma deusa com um duplo aspecto: benigno e maligno. Na sua forma mais antiga era responsável pela prosperidade material, pelo dom da eloquência nas assembléias, pela vitória nas batalhas e nos jogos. Juntamente com Ártemis e Apolo era a nutriz dos jovens. Com o passar do tempo ela adquiriu outras qualidades. Sendo uma deusa ctônia, ligada ao mundo dos mortos, assumiu a característica de deusa da magia e dos encantamentos e, assim, Eetes, Circe e Medéia são projeções suas. Aparecia aos feiticeiros e às bruxas com uma tocha em cada mão. Sendo também uma deusa lunar, estava ligada aos ritos de fertilidade e aos partos. Assim, ela é representada nas pinturas de vasos com o tema de casamento presidindo a cerimônia, mais especificamente, recebendo a noiva na porta da casa do noivo. É óbvio que tomar tal deusa como testemunha de um juramento e depois desrespeita-lo é uma falta que não ficaria impune. Aliás, a própria caracterização de Medéia como sacerdotisa de Hécate muito nos fala sobre o caráter da personagem.

À infidelidade conjugal Jáson junta a ingratidão. Afinal, quem seria Jáson e o que teria acontecido com ele sem Medéia?

Medéia: “(...) Eu te salvei (todos os gregos
que embarcaram contigo na Argó bem sabem),
quando foste enviado para submeter
ao duro jugo o touro de hálito inflamado
e para semear a morte em nossos campos.
Fui eu que, oferecendo-te modos e meios
de matar o dragão, guarda do tosão áureo,
imune ao sono, com seus múltiplos anéis,
fiz brilhar para ti a luz da salvação.
Traí meu pai, eu, sim, e traí a família
para levar-te a Iolco (foi maior o amor
que a sensatez); fiz Pélias morrer também,
da morte mais cruel, imposta pelas filhas,
e te livreí de todos os receios, Jáson.

Tratado assim por nós, homem mais vil de todos
tu me traístes e já subiste em leito novo (...)” versos 538-553

Medéia, sua honra e sua fama

Dentre as razões de Medéia, podemos considerar entre as mais importantes a Honra e a Fama. De acordo com a moral heróica é fundamental realizar grandes feitos e ter o nome imortalizado pelos poetas. Os quesitos honra e fama são igualmente importantes para os homens e para as mulheres. Mas, é claro, se realizam de maneiras diferentes, conforme o gênero a que pertence o indivíduo. Assim, aprendemos em Homero que os homens forjam a sua glória no campo de batalha, nos discursos das assembléias que realizam entre seus pares e nas competições atléticas. Para as

mulheres, a honra e a fama estão ligadas às atividades próprias de seu sexo: ser boas esposas e boas mães, administradoras conscienciosas da propriedade do marido e rigorosas observadoras da moralidade sexual^{iv}. Entretanto, Medéia não é uma mulher comum – ela é neta do deus Sol. Ela já possui uma fama, reconhecida por Jáson:

Jáson: “(...) Os gregos todos
respeitam a tua ciência (hoje és famosa,
mas se ainda morasses nos confins da terra
quem falaria de teu nome?) (...)” versos 617-620

A fama e a honra residem no reconhecimento dos outros membros da comunidade. No caso de Medéia, na inveja das outras mulheres:

Medéia: “(...) eu esperava que, graças ao teu amor,
muitas mulheres gregas teriam inveja
de uma felicidade que devias dar-me. (...)” versos 581-583

A idéia de que a felicidade de uma pessoa acarreta a inveja das outras e que essa é uma forma de reconhecimento e, portanto, é desejável, já estava presente na **Odisséia** de Homero, mais especificamente no final do discurso de Ulisses a Nausícaa:

“(...) Dêem-te os deuses obter quantos bens no mais íntimo almejas
casa e marido, assim como com ele viver em concórdia
sem semelhante, pois nada é mais grato, nem mais de almejar-se
do que marido e mulher governarem, acordes, a casa,
em comunhão de vontades. Com isso os inimigos se irritam,
mas os amigos exultam; ao máximo os dois rejubilam.”(...) canto VI, versos 180- 185

Nesse contexto, o fracasso é altamente temido e a sua conseqüência é o riso, que para o herói significa a morte. Medéia não ignora isso:

Medéia: “(...) se eu for surpreendida traspassando a porta
na tentativa de atingi-los com meus golpes,
rirão de mim, vendo-me morta, os inimigos. (...)” versos 431-433

De qualquer forma, a honra de Medéia já foi atingida pelo abandono e ela já é motivo de riso. A única forma de restaurar essa honra é por meio de uma vingança exemplar:

Medéia: “(...) Não permitirei,
amigas, que riam de mim os inimigos!
Terá de ser assim. De que vale viver?
Já não existem pátria para mim, meu lar,
Nenhum refúgio nesta minha desventura.
Fui insensata quando outrora abandonei
o lar paterno, seduzida pela fala
desse grego que, se me ajudarem os deuses,
me pagará justa reparação em breve. (...)” versos 910-918

Com a vingança consumada, Medéia elimina a vergonha causada pelo riso:

Medéia (dirigindo-se a Jáson): “(...) Não deverias esperar, após o ultraje
contra meu leito, que fosses passar a vida
rindo de mim, tranqüilo com a filha do rei; (...)” versos 1545-1547

Essa vingança abarca a morte da princesa, do rei Creonte e dos próprios filhos de Medéia, mesmo que ela reconheça o sofrimento que causará a si mesma:

Medéia: “(...) devo matar minhas crianças e ninguém pode livrá-las desse fim. E quando houver aniquilado aqui os dois filhos de Jáson, irei embora, fugirei, eu, assassina de meus muito queridos filhos, sob o peso do mais cruel dos feitos! (...)” versos 905-910

Entretanto, o castigo de Jáson e todos os outros é por ela considerado como justo:

Medéia: “(...) Agora, amigas minhas, poderei vencer todos os inimigos gloriosamente! Tenho esperanças, hoje que a marcha começa, de ver caírem, justamente castigados, meus adversários, (...)” versos 871-875

A morte dos filhos, para nós algo inominável, era compreensível para a platéia original. Tratava-se de negar a Jáson a descendência, algo que era importante para ele, como já vimos antes:

Jáson: “(...) tampouco por ambicionar uma progênie mais numerosa (já tenho filhos bastantes não vou queixar-me). (...)” versos 638-640

e

“(...) dar aos gerados em teu ventre mais irmãos, pô-los todos num mesmo nível de igualdade e ser feliz vendo a união de minha raça. Tu, que necessidade tens de novos filhos? É de meu interesse, todavia, tê-los, (...)” versos 645-649

Portanto, o plano de Medéia de privar Jáson de uma descendência é completo, pois ela vai matar os filhos que já existem e, ao matar a noiva, impede o nascimento de futuros filhos. A descendência tinha suma importância na sociedade grega porque se esperava que os filhos se encaregassem dos cuidados e da manutenção de seus pais na velhice e eram a garantia da realização dos rituais devidos aos mortos:

Medéia: “(...) Ah! Devo confessar – infelizmente! – que já depus em vós muita esperança: que vós sustentáreis a minha velhice e quando eu falecesse, vossas mãos piedosas me enterrariam (todas desejamos isso). (...)” versos 1173-1177

Essa vingança, por sua vez, está de acordo com a moral arcaica:

Medéia: “(...) Que ninguém me julgue covarde, débil, indecisa, mas perceba que pode haver diversidade no caráter: terrível para os inimigos e benévola para os amigos. Isso dá mais glória à vida. (...)” versos 923-927

Comparemos, a título de exemplo, o trecho acima com os seguintes versos de Teógnis:

“Caia-me em cima o brônzeo céu, que é grande e vasto,
terror do homens, filhos da terra,
se eu não socorrer a quantos me estimam
e não for castigo e flagelo dos meus inimigos.” (I, versos 869-872)^v

Esses valores, assim expressos, estão plenamente de acordo com a moral heróica. Entretanto, podemos considerar essa moral como inadequada para a vida nas cidades, posto conter elementos desagregadores. Tanto isso é verdade que um dos grandes avanços sociais do Período Arcaico foi prover as cidades de uma legislação escrita e de tribunais que retirassem das mãos das famílias e, em última instância, dos indivíduos em particular, o direito à vingança. Assim, segundo a moralidade heróica, mas não segundo a moralidade da *pólis*, ficam justificados os meios pelos quais Medéia age para castigar Jáson e recuperar a sua honra.

Posição da Mulher na família

Medéia: “(...) O meu marido, que era tudo para mim
- isso eu sei bem demais -, tornou-se um homem péssimo.
Das criaturas todas que têm vida e pensam,
somos nós, as mulheres, as mais sofredoras.
De início, temos de comprar por alto preço
o esposo e dar, assim, um dono a nosso corpo
- mal ainda mais doloroso que o primeiro.

Mas o maior dilema é se ele será mau
ou bom, pois é vergonha para nós, mulheres,
deixar o esposo (e não podemos rejeitá-lo).
Depois, entrando em novas leis e novos hábitos,
temos de adivinhar para poder saber,
sem termos aprendido em casa, como havemos
de conviver com aquele que partilhará
o nosso leito. Se somos bem sucedidas
em nosso intento e ele aceita a convivência
sem carregar o novo jugo a contragosto,
então nossa existência causa até inveja;
se não, será melhor morrer. Quando um marido
se cansa da vida do lar, ele se afasta
para esquecer o tédio de seu coração
e busca amigos ou alguém de sua idade;
nós, todavia, é uma criatura só
que temos de fixar os olhos. Inda dizem
que a casa é nossa vida, livre de perigos,
enquanto eles guerreiam. Tola afirmação!
Melhor seria estar três vezes em combates,
com escudo e tudo, que parir uma só vez! (...)” versos 256-283

Esse discurso de Medéia coloca-nos diante de uma série de dados a respeito da posição da mulher na sociedade ateniense do século V a.C. Poderíamos mesmo dizer que se trata do primeiro discurso “feminista” da história. Nos versos 260-262 Medéia relata o pagamento do dote. O dote era de tal forma indispensável para o casamento de

uma mulher que o Estado ateniense contava com uma verba reservada para o pagamento das meninas pobres cujos pais tivessem morrido em batalha. Entretanto, esse dinheiro não pertencia ao marido. Devia ser aplicado e, com os juros resultantes da aplicação, custear a manutenção da mulher. Em caso de morte desta, passava a fazer parte da herança dos filhos e, no caso da falta destes, deveria voltar para a família de seus pais.

A seguir, nos versos 263-274 ela fala das circunstâncias do casamento, mais especificamente do fato da mulher não conhecer o seu noivo antes das núpcias. Realmente, o casamento não era precedido de um namoro ou noivado como os conhecemos. O noivo e o pai da noiva firmavam um contrato e não se esperava que a opinião dela fosse levada em conta. A moça só conhecia o seu marido na noite de núpcias. Assim, compreendemos a frase “entrar em novas leis e novos hábitos” e “adivinhar para poder saber”: a jovem esposa passava a viver com um completo desconhecido.

Uma característica própria da vida das mulheres de elite, o confinamento dentro da casa, é mencionada nos versos 274-289. Os homens podiam se distrair na rua, com os amigos, mas a mulher permanecia trancada, saindo apenas para as grandes cerimônias públicas ou por ocasião de cerimônias familiares, como casamentos e enterros.

Por último, nos versos 279-283, ela faz uma comparação entre a atividade guerreira dos homens e a função reprodutiva das mulheres. Um estudo realizado pelo arqueólogo J. Stuart Angel (*apud* Sarah B. Pomeroy (1995: 45) em vinte e dois túmulos de um cemitério familiar localizado próximo à Tolos da ágora ateniense revelou que, enquanto a idade dos homens na época da morte ia de 34 a 48 anos, o que poderia nos levar a pensar em atividade guerreira, a das mulheres estava entre 16 e 18 anos, o que nos remete diretamente à atividade reprodutiva – partos, abortos e complicações resultantes destes.

Outro problema sério em relação ao estatuto da mulher é a alusão ao fato de que, ao ser abandonada pelo marido, Medéia ficou sem o seu tutor (*kýrios*):

Medéia (dirigindo-se a Jáson): “Insulta-me! Sabes que estás seguro aqui,
mas eu devo partir desprotegida e só.” versos 698-699

Na sociedade grega em geral e no período contemplado (século V a.C.) a mulher nunca atingia a maioridade legal. Ela deveria ter sempre um tutor que era, sucessivamente, seu pai, seu irmão mais velho (ou um tio paterno na falta destes), seu marido, um filho já adulto. Havia também a possibilidade de ser alguém nomeado pelo marido em testamento (é o caso da mãe do orador Demóstenes) ou alguém nomeado pelo Estado. Assim, ao partir, Medéia seria uma mulher completamente só e desamparada, algo inimaginável para a sociedade ateniense da época.

Medéia e o problema da cidadania

Parece estranho falar em cidadania, quando tratamos de mulheres gregas. De fato, a mulher não goza de cidadania em qualquer das *poleis* que pudésemos examinar. O estatuto da mulher varia muito em relação à cidade examinada e ao período histórico e, mesmo na Atenas do século V a.C., cuja população formava a platéia para a qual a peça **Medéia** foi composta, havia diferentes estatutos e diferentes formas de tratamento da mulher, dependentes de sua classe social e de sua origem, mas em nenhum caso ela poderia ser considerada cidadã (a palavra nem ao menos existe). No máximo, podemos dizer que, após a lei de Péricles promulgada em 451 a.C., ela é transmissora da cidadania para os seus filhos^{vi}.

Surpreendentemente, encontramos o problema da cidadania em **Medéia**. Sabemos com bastante clareza que o homem grego só se sente plenamente homem quando goza do estatuto de cidadão. Ser expulso da cidade, ter que viver em outro lugar onde é apenas um estrangeiro, em suma, ser desenraizado é estar em estado de *atimía*, isto é, desonra. Ora, é essa possibilidade que atormenta Medéia:

Medéia: “(...) Mas uma só linguagem não é adequada
a vós e a mim. Aqui tendes cidadania,
o lar paterno e mais doçuras desta vida,
e a convivência com os amigos. Estou só,
proscrita, vítima de ultrajes de um marido
que, como presa, me arrastou a terra estranha,
sem mãe e sem irmãos, sem um parente só
que recebesse a âncora por mim lançada
na ânsia de me proteger da tempestade.(...) versos 284-292

Observe-se que Medéia se coloca na posição de estrangeira, face ao coro de mulheres coríntias. Afastada de sua família, ela não tem a quem recorrer, nem onde pedir abrigo quando o rei Creonte anuncia a sua expulsão:

Medéia: “(...) Pobre de mim! Consuma-se a minha desgraça!
Meus inimigos soltam as velas todas
e não diviso um porto em que possa abrigar-me
para escapar à ruína!” (...) versos 315-318

O coro, por sua vez, reconhece essa condição de estrangeira que Medéia possui:

Coro: “Quanta desgraça a tua, infortunada!...
Para que chão dirigirás teus passos?
A quem suplicarás que te receba?
Onde acharás um lugar, um lar, uma cidade
a salvo da desdita? Vais errar
sem esperança nesse mar de angústias
a que foste lançada pelos deuses.” versos 402-408

Mas a escolha feita por Jáson não atinge somente Medéia. Também os filhos do casal serão expulsos e, portanto, estarão alijados da cidadania:

Medéia: “(...) Revelas-te admirável e fiel esposo
da infeliz que sou, em fuga, expulsa assim
daqui, sem um amigo, apenas com meus filhos
repudiados! Que magnífica torpeza
para um recém-casado ver os próprios filhos
partirem sós comigo – com quem te salvou –
para levarem vida errante e miserável! (...)” versos 584-591

O grande problema de Medéia reside no fato de que ela não tem para onde ir porque não pode voltar atrás em seus passos. Nem para a sua terra natal, onde traiu a família e matou seu irmão Apsirto, nem para Iolcos, onde matou o rei Pélias:

Medéia: “(...) Traí meu pai, eu, sim, e traí a família
para levar-te a Iolco (foi maior o amor
que a sensatez); fiz Pélias morrer também,
da morte mais cruel, imposta pelas filhas,
e te livreí de todos os receios, Jáson. (...)” versos 547-551

Medéia: “(...) Para onde
irão meus passos hoje? Para o lar paterno,
que já traí, como traí minha pátria,
para seguir-te? Ou para as filhas do rei Pélias?
(Que bela recepção me proporcionariam
as infelizes em seu lar, a mim, que um dia
causei a morte de seu pai!). Eis a verdade:
hoje sou inimiga de minha família
e só para agradar-te hostilizei amigos
que deveria ser a última a ferir.”(...) versos 570-579

O canto do coro no segundo estásimo resume a importância desse tema para o ateniense do século V a.C.:

Coro: “(...) Ah! Nossa pátria e lar! Queiram os céus
que nunca nos desterrem nem levemos
uma vida penosa na miséria,
de todas as desditas a mais digna
de piedade! Que nos fira a morte
antes de contemplarmos esse dia,
pois vemos – não contamos por ouvir
de estranhos – que tu não tiveste pátria
nem um amigo para comover-se
com o cruel destino que te esmaga! (...)” versos 743-752

Conclusão

Há muitas formas de ver Medéia. A mais comum delas é destacar a mulher que mata os filhos por vingança, movida pelo ciúme. Sob esse aspecto, Medéia é exemplar: em nome de uma paixão ela se anula como pessoa, renega a sua família e contra ela comete crimes. A consequência é que, no momento em que precisa de refúgio, não tem para onde ir. Mas preferimos assumir aqui uma posição mais ampla: sem abdicar do motivo do ciúme, pois ele existe claramente, vemos nas razões de Medéia uma questão religiosa, a do perjúrio perante os deuses; uma questão de ingratidão e de deslealdade em relação a alguém que agiu e se prejudicou por amor; e a questão de uma mulher abandonada do ponto jurídico, sem lar, sem pátria e sem tutor. A quantidade de alusões que podemos ligar ao fato de Medéia ficar sem um estatuto jurídico após o abandono de Jáson – vinte e três vezes no total da peça – demonstra o grau de importância que tal fato assumia para a platéia original do século V a.C. e que nós, modernos, temos a tendência a negligenciar, ou até mesmo a ignorar, dando prioridade ao “crime passionnal”. O próprio fato da mulher não gozar de cidadania, não ser vista como um ser capaz e autônomo dá ao abandono da heroína contornos dramáticos. Se o homem grego não era capaz de se entender como homem pleno fora da *pólis* de que era cidadão, a mulher nada era fora da cidade, da casa e da proteção de seu tutor.

Referências Bibliográficas:

1- Textos:

ARISTÓTELES. *Poética in Obras*. Tradução de Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar S.A. de Ediciones, 1982.

EURÍPIDES. *Medéia, Hipólito, As Troianas*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 4ª. ed., 2001.

2- Estudos:

BRANDÃO, J. **Dicionário Mítico-Etimológico, volumes I e II**. Petrópolis: Edit. Vozes, 1991.

LEFKOWITZ, M. R. e FANT, M. B. **Women's Life in Greece and Rome. A source book in translation**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2nd ed., 1992.

MOSSE, C. **Dictionnaire de la Civilisation Grecque**. Bruxelles: Editions Complexe, 1992. PEREIRA, M. H. R. **Hélade: Antologia da cultura grega**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Instituto de Estudos Clássicos, 4^a. ed., 1982.

POMEROY, S. B. **Goddesses, whores, wives and slaves: women in Classical Antiquity**, New York: Schocken Books, 1995.

TSURUDA, M.A.L. *Os poemas homéricos e a educação feminina*. In: LAUAND, J (org.). **Filosofia e Educação – Estudos 6**. São Paulo: Factash Editora, 2008, p. 51-70.

(recebido para publicação em 30-01-09; aceito em 15-02-09)

ⁱ Não foi sem motivo que Chico Buarque e Paulo Pontes atualizaram a tragédia de **Medéia** na sua peça **Gota d'água**. Poucas tragédias gregas se prestam tão bem a tal *aggiornamento*, e essa qualidade reside no fato de que Eurípides foi autor ático que melhor soube desenhar o aspecto psicológico dos personagens e explorar seu *pathos*. Entretanto, existem muitas diferenças entre as duas obras motivadas, principalmente, por diferenças culturais entre a época – e o público – para os quais foram compostas. A leitura das notícias policiais que relatam esses crimes de infanticídio mostra que, na maior parte dos casos, a mãe mata as crianças e pelo menos tenta o suicídio. Esse é o caminho de Joana, personagem da **Gota d'água**, mas não é a opção de Medéia, que deseja viver para tripudiar sobre os seus inimigos.

ⁱⁱ Essas deusas eram anteriores aos deuses olímpicos e eram duas, às quais posteriormente foi adicionada mais uma: Aelo (a borrasca, a impetuosa), Ocípite (a rápida no vôo) e Celeno (a negra, a obscura). Ávidas por sangue e sexo, aguardavam o momento de beber o sangue do herói morto em combate. Foram representadas sob a forma de ave com cabeça de mulher e, como os demais deuses alados e raptos, as três damas-aves tinham por objetivo a união íntima com aqueles que arrebatavam. Conferir BRANDÃO, J. (1991: vol. I, verbete *Harpías*).

ⁱⁱⁱ Aristóteles observa, na **Poética** (1452b-1453a), que para que a tragédia produza o efeito que lhe é próprio (o temor e a compaixão), o personagem não pode ser um homem bom que passe do bem estar à infelicidade. O personagem deve ser um homem que, sem ser eminentemente virtuoso ou justo caia em desgraça em consequência de um certo erro.

^{iv} Conferir nosso trabalho intitulado *Os poemas homéricos e a educação feminina*, onde examinamos de maneira extensa o modo como esses valores se realizam nas heroínas homéricas.

^v Utilizo a tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.

^{vi} C. MOSSÉ observa que a família repousava sobre o casamento legítimo que unia um cidadão com uma filha de cidadão. Depois de uma lei de Péricles de 451, o filho nascido dessa união herdava a qualidade de cidadão se ambos os pais fossem *astoi*, isto é, dois atenienses, casados legitimamente. Cf. MOSSÉ, 1992, verbete *Famille*.